

Espetáculos do quarto de despejo

*Thiago ANTUNES*¹

O termo *espetáculo* é utilizado com diversos sentidos por Carolina Maria de Jesus em seu livro *Quarto de Despejo*. Uma das significações deste vocábulo no livro está intimamente relacionada com a apreensão da autora sobre o entretenimento dos moradores da favela do Canindé. O nosso intuito neste breve ensaio, portanto, será explicitar e discutir este aspecto da narrativa. Contudo, antes de adentrarmos em nosso tema devemos indicar quais as outras possíveis utilizações que o vocábulo *espetáculo* adquire na narrativa.

... Fiz comida. Achei bonito a gordura frigindo na panela. Que *espetáculo* deslumbrante! As crianças sorrindo vendo a comida ferver nas panelas. Ainda mais quando é arroz e feijão, é um dia de festa para eles. (JESUS, 19 ?, p. 38, *grifo nosso*)

Existem inúmeras outras partes do texto em que a autora se remete ao espetáculo de satisfazer alguma de suas necessidades básicas. Principalmente após um longo intervalo de abstinência ou quando este momento possui alguma qualidade especial, como o comer “arroz e feijão” do exemplo acima. Estas passagens, geralmente, associadas com a superação momentânea da fome, são os únicos *espetáculos* descritos por Carolina dotados de um sentido de positividade e beleza – excetuando as descrições de alguns fenômenos da natureza que não abordaremos aqui.

Certamente, poderíamos discorrer muito sobre a influência da fome no cotidiano da autora. Este “fantasma amarelo” permeia a vida de Carolina. Tanto que mesmo não sendo nosso objetivo tratar este tema, teremos que nos deparar com ele novamente quando formos verificar um dos outros tipos de espetáculo que encontramos na obra:

¹ Pós Graduando em Ciências Sociais, estudioso de *Modernidade e Tradição em O Senhor dos Anéis*, membro do Grupo de Estudos de Literatura e Cinema.

Choveu, esfriou. É o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do *espetáculo*. Eu só tinha dois cruzeiros. (JESUS. 19 ? , p. 27, *grifo nosso*)

Aqui, como nos outros sentidos atribuídos à “*espetáculo*” no texto, seu significado é imbuído de um sentido negativo. Estes momentos podem ser classificados como um espetáculo de horrores. Carolina, por não possuir comida para si e nem para seus filhos, deixa transparecer uma pungente tristeza e sensação de impotência. Mesmo que no decorrer do episódio consiga prover sua família, a caracterização dele como “reprise” indica a ocorrência regular deste tipo de situação. Na verdade, encontramos durante a narrativa muitos outros momentos similares, porém, esta é uma das poucas vezes que o termo *espetáculo* é utilizado para sua caracterização.

Nesta breve incursão nestes tipos de *espetáculos* podemos perceber que eles não têm relação com nenhum tipo de entretenimento, por isto não nos aprofundaremos nas suas respectivas significações. Passemos então para a utilização deste termo que nos interessa.

Ouvi as crianças dizendo que estavam brigando. Fui ver. Era a Nair e a Meiry. A Nair é branca. A Meiry é preta. Já faz tempo que a Meiry anda prometendo que vai bater na Nair. A Meiry é temida porque anda com gilete. Ela foi bater na Nair e apanhou. A Nair rasgou-lhe as roupas, deixando-lhe nua. Que gargalhada sonora! Que *espetáculo* apreciadíssimo para o favelado que aprecia profundamente tudo que é pornográfico! As crianças sorri e batem palmas como se estivessem aplaudindo. (Carolina de Jesus, *data*, p. 64, *grifo nosso*).

Aqui podemos perceber alguns elementos extremamente importantes para a compreensão deste tipo de espetáculo como entretenimento. A associação com a pornografia, por exemplo, ocorre em outros momentos da obra, mesmo que este não seja o elemento comum. O seu aglutinador está, a primeira vista, está no conflito e na violência da primeira parte da citação.

Mas qual o motivo de nomear estas brigas entre os habitantes da favela – e não raro entre os cônjuges e familiares – como *espetáculo* ou como *show*? Carolina logo no início de sua narrativa nos dá a resposta: “As mulheres saíram, deixou-me em paz por hoje. Elas já deram o *espetáculo*. A minha porta atualmente é *theatro*.” (Carolina de

Jesus, p. 14, *grifo nosso*) A comparação do local deste tipo de espetáculo com o palco de teatro sugere uma interpretação por parte da autora: para ela, estas “cenas” são um tipo de entretenimento. Certamente de um tipo deplorável, mas ainda entretenimento.

Poderíamos fornecer uma enorme lista de “cenas” com o mesmo sentido de apreensão. Contudo, devemos nos ater em outros aspectos e dar continuidade a nossa discussão. Nos parece pertinente – ao menos ilustrativo – analisar se estes *espetáculos* descritos por Carolina se encaixam em alguma definição de entretenimento.

Na visão de Adorno, por exemplo, o entretenimento deve satisfazer duas necessidades antagônicas da “massa de trabalhadores” impedidos (por uma série de questões estruturais) de apreender uma obra de arte em toda a sua amplitude. Estas necessidades são evitar o esforço e aliviar o tédio. Cabe-nos, portanto, questionar se os *espetáculos* descritos por Carolina possuem estas características.

Em princípio, podemos dizer que sim. Pelo menos da parte dos indivíduos que assistem estes “shows”. Da parte deles, não há participação direta, quando isto ocorre passam a figurar como “atores”, se é que podemos nomeá-los desta forma, portanto, não há esforço. Quanto a combater o tédio, vejamos o que a autora nos diz numa situação que geralmente geraria algum tipo de confronto na favela: “Não houve briga. Eu até estou achando isto aqui monotono.” (Carolina de Jesus, *data*, p. 29). Independente de este comentário ser irônico ou um “ato falho” é sintomático em relação ao significado atribuído a estas demonstrações de violência por outrem.

Há uma linha muito tênue que caracteriza a classificação destes *espetáculos* como entretenimento. Ela está relacionada à participação dos indivíduos nas “cenas” de cada espetáculo. Podemos perceber isto com maior clareza quando nos lembramos que nas situações que há um envolvimento direto de Carolina a definição de espetáculo não aparece. Mesmo que as “cenas” possuam um conteúdo similar ao exemplo que vimos acima. Elas deixam de ser entretenimento em sua perspectiva, afinal, a caracterização como *espetáculo* é acusatória.

Ao retomarmos aqui o que rotineiramente é considerado entretenimento, ou seja, algo que se faz em busca de diversão. Este entendimento de Carolina acerca do interesse e diversão de alguns indivíduos causada pela observação de algum modo de violência na vida privada de outrem, causa um certo “mal-estar”.

Certamente, este constrangimento aumenta significativamente se lembrarmos que num certo sentido hoje somos consumidores de um entretenimento similar. Basta-nos observar a TV ou as revistas “especializadas” que vasculham a vida privada de alguma “personalidade” em busca de demonstrações de “escândalos” ou “violência”. Ou ainda a “febre” dos *reality shows*.

Se retomarmos a teoria de Adorno podemos caracterizar estes entretenimentos similares aos *espetáculos do quarto de despejo*, como parte da indústria cultural criada justamente para aliviar o tédio e evitar o esforço. Esta característica reforça a identificação como entretenimento das cenas descritas por Carolina, mesmo que *a priori* estejam fora da indústria cultural.

Devemos ressaltar ainda outra similaridade entre o entretenimento da programação televisiva e dos *espetáculos* descritos por Carolina. Ambos ocorrem sempre fora do espaço puramente privado. Mesmo que não possamos identificar a TV como a esfera pública, a análise de Eugênio Bucci e Maria Rita Kehl sobre o fenômeno da TV nos fornece algumas pistas para situarmos melhor nossa discussão.

Estes autores faz uma profunda discussão sobre este tema que não reproduziremos aqui. Destacaremos apenas um aspecto de sua teoria segundo a qual a TV não é um “meio” de se “sintonizar” com o mundo. Ela não é um elo de ligação entre o telespectador e um outro lugar, mesmo quando se trata do tele-jornalismo. A TV, nesta teoria, é um local em si mesmo, não que possua uma espacialidade própria, mas condensa em si um espaço público.

Lembremos que o “espaço público” da favela é a rua. Os *espetáculos* são realizados neste local, a forma da “cena” que Carolina nos narra pressupõe que os conflitos particulares sejam expostos em espaço público. Em outras palavras, não há uma invasão da privacidade, mas a sua exposição tal qual nos *reality shows*. Esta, inclusive é a acusação feita por Carolina para as pessoas que dão *espetáculos*.

Bibliografia

ADORNO, T. W. *Sobre música popular*. In: COHN, G. (Org.) *Theodor W. Adorno*. São Paulo. Ática. 1986

BUCCI, E. & KEHL, M.R. *Videologias: ensaios sobre televisão*. São Paulo. Boitempo. 2004.